

Ocupação da Amazônia agride a biodiversidade

BELÉM — O processo desordenado de ocupação da Amazônia, com a conseqüente destruição de 415 mil km² de florestas tropicais apenas no século 20, está provocando o desaparecimento de milhares de organismos vivos. A conservação da biodiversidade da região só ocorrerá após a adoção de modelos de desenvolvimento sustentável, ao lado de uma adequada e eficiente rede de unidades de conservação, com projetos que não agridam o meio ambiente. Essa foi a principal conclusão dos pesquisadores dos museus Emilio Goeldi e Nacional do Rio de Janeiro, e da Universidade de São Paulo (USP), que participaram, ontem, do painel "Patrimônio sócio-cultural, biológico e recursos genéticos: biodiversidade, conservação e manejo", dentro do Seminário Internacional sobre Pobreza, Meio Ambiente e Desenvolvimento da Amazônia (Simdamazônia).

Durante os debates, o etnobiólogo Darrell Posey, do Museu Goeldi, mostrou que apenas 2% da biodiversidade existente na floresta tropical amazônica — a maior do Planeta — são aproveitados racionalmente, denunciando a destruição de espécies da fauna e da flora que nunca chegaram a ser pesquisadas por cientistas que atuam na região. O painel foi coordenado pelo diretor presidente do museu, Guilherme Maia, que recomendou a formação de sistemas de conservação baseados em inventários biológicos.

Maia, ao lado dos pesquisadores Darrell Posey, Wilia, Overalth, João Murça Pires e Sílvio Magalhães, sugeriu ao final do painel que os levantamentos da fauna e da flora amazônicas devem

priorizar a coleta de exemplares em áreas pouco conhecidas ou ainda inexploradas, especialmente as regiões ameaçadas por projetos de desenvolvimento como os reservatórios de usinas hidrelétricas, projetos de mineração e de colonização agrícola, ou áreas que sofrem influência de grandes rodovias construídas na Amazônia.

Ainda no Simdamazônia, arqueólogos do Museu Goeldi mostraram a importância que existe nos projetos que vêm sendo desenvolvidos na

Amazônia, cujo objetivo é se conhecer cientificamente o processo de ocupação humana na região nos últimos 12 mil anos. Esse trabalho pode servir de subsídio para a formulação dos planos de ocupação e desenvolvimento auto-sustentável, bem como elucidar problemas histórico-antropológicos de relevância mundial, como a descoberta de cerâmica milenar na gruta Taperinha, em Santarém, pela arqueóloga norte-americana Aná Roosevelt, ou as pesquisas desenvolvidas pelo arqueólogo Marcos Magalhães, na gruta do Gavião, localizada na Serra dos Carajás.

No mesmo painel, o presidente da Empresa Amazonense de Turismo (Emantur), Sílvio Barros II, mostrou que a indústria turística mundial movimentava anualmente o equivalente a US\$ 2 trilhões — o que a colocaria em primeiro plano como atividade econômica geradora de divisas, empregos e catalizadora de investimentos. Barros mostrou também que existe a necessidade de se aproveitar adequadamente as potencialidades turísticas da Amazônia, com a implantação de uma indústria de turismo competitiva a nível mundial.